

POLÍTICA ECONÔMICA

A atuação do banco central norte-americano, que liberou US\$ 17,5 bilhões ontem, garantiu estabilidade aos pregões mundiais. Bovespa fechou em alta, estimulada pela melhora na classificação do Brasil

Injeção de dólar acalma mercado

DA REDAÇÃO

A forte atuação do Federal Reserve (Fed, banco central americano) evitou que o mercado financeiro usasse notícias negativas — a exemplo de um estudo do banco Goldman Sachs que prevê queda de 15% a 30% nos preços das casas nos Estados Unidos — como combustível para uma instabilidade ainda maior nas bolsas internacionais. Somente ontem, o Fed injetou mais US\$ 17,5 bilhões para dar um alívio ao mercado financeiro. Nas bolsas americanas, a resposta foi praticamente automática. O Dow Jones fechou estável. Mesmo com a ligeira melhora, a perspectiva é de que a volatilidade continuará forte porque ainda existe receio de que a crise do setor imobiliário norte-americano se alastre para outros setores provocando uma desaceleração mais forte da economia local.

Apesar da grande oscilação, a Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa) fechou com uma ligeira alta de 0,2%. Foram negociados R\$ 4,660 bilhões. A “tranquilidade” se deve ao fato de o Brasil ter conseguido melhorar a classificação de risco. Ontem, a Moody's, agência de classificação de risco, colocou o país a um passo do tão esperado *investment grade* (grau de investimento que mostra que a baixa probabilidade de calote do governo), igualando-se à nota da Standard&Poors e Fitch. Segundo o comunicado da agência, a decisão reflete “a melhora do perfil geral da dívida, a expectativa de redução mais rápida dos indicadores da dívida num futuro próximo e a esperada continuação

Brendan McDermid/Reuters - 16/8/07



A BOLSA DE NOVA YORK TERMINOU O DIA ESTÁVEL, MESMO COM A ESTIMATIVA DE PERDA NO VALOR DAS CASAS NOS ESTADOS UNIDOS

do fortalecimento dos indicadores da dívida externa”. Além da alta da Bovespa, a notícia fez com que o juro para janeiro de 2010 recuasse. A taxa janeiro de 2008 subiu a 11,28% com o IPCA-15 de agosto, de 0,42% acima do esperado. O risco Brasil caiu 4,76%, a 200 pontos-base.

O otimismo foi ao encontro das afirmações do diretor-geral do Fundo Monetário Internacional (FMI), Rodrigo Rato, e do ministro da Fazenda, Guido Mantega,

de que a crise financeira não deve impactar no crescimento econômico brasileiro. “Nós acreditamos que no Brasil as repercussões (da crise) não serão importantes”, afirmou Rato. Ele resalta que a crise atual acontece em um contexto “bom” da economia mundial, com crescimento previsto, com credibilidade monetária, baixas expectativas de inflação. “As coisas poderiam ser muito mais difíceis se a credibilidade dos bancos centrais não

estivesse assentada”, ressaltou.

O diretor-geral do FMI destacou que o mundo já não depende de uma única locomotiva econômica mundial. “Teremos crescimentos importantes na Europa, na América Latina e na Ásia. Este ano o país que mais vai contribuir para o crescimento mundial é a China. Também há a recuperação da economia japonesa. Temos um crescimento muito diversificado”, acrescenta. Mantega reforçou que considera “muito

improvável” que o pior cenário para a economia mundial venha a se materializar, ou seja, um freio profundo no crescimento internacional decorrente da grande turbulência no sistema financeiro global. Mas, mesmo que isso venha a ocorrer, sustentou Mantega, o Brasil vai continuar a crescer, porque é o forte mercado interno que está garantindo a expansão do Produto Interno Bruto (PIB, conjunto de riquezas geradas pelo país).